

Da Servidão Humana à Participação Política com Corpo-Alma

José da Cruz Bispo de Miranda – UESPI – Doutorando na PUC-SP

Preliminares

As sociedades modernas estruturam as relações sociais por intermédio das crenças, das sensações, das visões, do dito, do não-dito, etc. . O assustador – pois as mesmas sociedades organizam-se vertical e exteriormente – é que, muitas vezes, o que cremos, sentimos, vimos, ouvimos e deixamos de ouvir são interpretados por órgãos externos do nosso corpo, em especial o cérebro. A veracidade das idéias, a tonalidade das cores, os odores, o sentido das palavras e o valor do silêncio não são reais em si mesmos, os órgãos do corpo produzem suas representações. Poderíamos ficar contentes com a ‘realidade’ cotidiana; no entanto, as representações produzidas pelas afecções do corpo dependem da qualidade da composição e decomposição realizadas na interação entre o corpo, a alma e a consciência. A intensidade e a qualidade dessas contínuas composições modificam as imagens construídas. Neste sentido, os corpos produzem várias interpretações dos objetos vistos e tocados, das palavras ouvidas e escritas. A consciência molda interpretações que nos conformam ao mundo, mas nos deixa na ilusão. A capacidade de simbolização e de sinalização tornam os homens construtores das representações sociais dos objetos que vêem, tocam e sentem. Os sentidos atribuídos pelos homens embaralham a noção do que é ‘real’ para o mundo vivido e até mesmo fazem interrogar se o real existe. Por outro lado, podemos questionar se é possível vida social sem as representações. La Boétie poderia perguntar se a condição para a existência do Estado requerem, por parte dos homens, a renúncia a liberdade, elaborações que a justifiquem como irreversível e a sua substituição pelo desejo de servir a Um.

As questões estão conectadas. O que parece ser um privilégio (a capacidade de simbolização e de sinalização) transformaram-se em instrumentos de desnaturação dos homens e de dominação. A existência de símbolos dominantes (manipulados por Um) cria o Monstro denunciado por La Boétie.

Apesar de La Boétie deixar implícito a nostalgia de uma sociedade anterior à moderna percebe que a desnaturação do homem é um Mal sem remédio. Contudo, não entende como o mundo moderno foi eficaz no aniquilamento das rebeldias.

Este trabalho tenta expor como as representações sociais tornam possível a vida em sociedade, como aponta Godelier; ao mesmo tempo, analisa como o encantamento (o fetiche) total por elas resultam na passiva dominação. Essas idéias perpassam algumas noções tratadas por Espinosa, Lévi-Strauss e Godelier.

1. O Mal – Encontro e a servidão

Os trabalhos com alguns primatas demonstrar a proximidade dos homens com estes animais. A razão não é a perda da capacidade de simbolização conquistada pelo *homo sapiens*, mas a possível descoberta desta habilidade entre àqueles. A descoberta pode transformar o relacionamento dos homens com os diversos animais. Mas, não é esta a nossa questão. A exposição que tratar da simbolização humana e suas conseqüências para vida social.

O poder de dar sentido às coisas permitiu a estruturação da vida social. Como esse poder surgiu? Para Lévi - Strauss¹ o poder dos homens de simbolizar aparece abruptamente e a consciência da regra (como vários sentidos correlatos) veio posteriormente; talvez, como aponta Freud, em *Totem e Tabu*² foi conseguinte ao parricídio. O fato simultâneo é a fratura entre natureza e cultura, o normal e o patológico, a ordem e a desordem e, por fim o aparecimento de dominantes e dominados. A sinalização trouxe consigo o desejo bifronte, do qual fala La Boétie, a satisfação do desejo de poder só é possível com a existência do desejo de servir³.

O pensamento de Espinosa revela os caminhos por onde o desejo de servidão nasceu e consolidou-se entre os homens. Diferente de Lévi-Strauss, Espinosa percebe que o poder de simbolização e sua conseguinte sinalização é movido pelas ações contingentes da vida dos homens; ou seja, o significado é resultado de causas externas e internas na objetividade e subjetividade desses seres⁴. Não há precedência do significante e nem este

determina àquele, pois como diz Godelier, os significantes estão cheios de significados. As conexões imanentes do sujeito e seus laços sociais permitem a existência de um ser ambivalente – o homem⁵. A perda da sociedade livre fá-lo-á conviver com o Mal Absoluto, e esta interação, na maioria das vezes, constituirá as imagens de si mesmo, dos outros homens e do mundo. A Marilena Chauí destaca em Espinosa a mudança da natureza íntima das coisas.

A imagem é um efeito da ação das causas externas sobre nós mesmos: coisas luminosas produzem em nós imagens visuais; coisas sonoras, imagens auditivas; a textura das coisas nos oferece imagens tácteis; o sabor e cheiro são imagens de coisas em nosso paladar e nosso olfato. Assim, a imagem não nos oferece a própria coisa tal como é em si mesma e sim o que julgamos que ela seja pelo efeito que produz em nós (...)⁶

As possibilidades de vivermos permanentemente num simulacro não são pequenas. Os relacionamentos que temos são baseados em idéias que desconhecemos sua natureza e essência; ou seja, a percepção que consigo ter das pessoas e do mundo pode não resistir à primeira pergunta. Esse quadro lembra um diálogo ocorrido no filme Matrix⁷ entre Morfeu (Laurence Fishburne) e Neo (Keanu Reeves). A cena protagonizada por esses dois atores centra-se na tentativa, por parte do Morfeu, de revelar ao Neo o que é o ‘real’. O cenário é transportado para o interior de um computador onde acontece o diálogo.

Morfeu – Esta é a Construção. É nosso programa de carregamento. Podemos carregar de tudo, roupas, equipamentos, armas, simulações de treinamento, qualquer coisa que precisamos.

Neo – Então estamos dentro de um programa de computador?

Morfeu – Acha mesmo difícil de acreditar? Suas roupas são diferentes. Os plugues de seu corpo sumiram. Seu cabelo mudou. Sua aparência agora é o que chamamos de ‘auto-imagem residual’. É a projeção mental do seu ‘eu’ digital.

Neo aproxima-se de alguns móveis, toca-os e interroga:

____ Isto não é real?

Morfeu - O que é real? Como você define o real? Se você está falando do que consegue provar, ver, então 'real' são simplesmente sinais elétricos interpretados pelo cérebro. Este é o mundo que você conhece.

Observado esse diálogo, Lévi-Strauss explicaria esta aparente confusão no mundo vivido sobre o que é o real e o que são as representações como um movimento desigualmente marcado entre a simbolização e o conhecimento.

Porém, alhures, em toda a parte, e também constantemente entre nós (o que sem dúvida, dar-se-á por muito tempo ainda), mantém-se uma situação fundamental inerente à condição humana, isto é: o homem dispõe desde sua origem de uma integralidade de significante que o embarça muitíssimo na aplicação a um significado, dado como tal sem ser entretanto conhecido. Há sempre entre os dois uma inadequação que somente a compreensão divina pode desfazer, que resulta na existência de uma superabundância de significante em relação aos significados sobre os quais ela pode aplicar-se.⁸

No contexto de inadequação entre significante e o significado, a tentativa de preencher as lacunas sem considerar a precedência do primeiro; ou seja, de ter como princípio o primado do simbólico (estruturas mentais inconscientes) sobre o imaginário (as representações), estaremos, e nisto conflui o pensamento de Lévi-Strauss para com o de Espinosa, conformados com a explicação oferecida pela consciência sobre o mundo, pois não atentamos para o fato de ser a consciência "*(...) naturalmente o lugar de uma ilusão. A sua natureza é tal que ela recolhe efeitos, mas ignora as causas*"⁹. Uma superficial verificação empírica das idéias inadequadas operadas pela consciência pode nos dar uma dimensão de como vivemos sob a ilusão do correto. Para exemplificar mencionarei um acontecimento no qual estou envolvido. Um determinado colega de curso preocupado com a nota de desempenho de uma determinada disciplina foi ao setor de alunos onde ficam as pastas das disciplinas com as notas atribuídas, conforme o desempenho de cada aluno, para ver sua nota. Além de observar a nota atribuída a ele, por um gesto de amizade, observou e memorizou a nota atribuída a mim. Não posso saber a influência que teve as imagens das notas para os atos que se seguiram; o pensar, o decidir para onde ir, suas sensações, o que planejar, etc;

creio apenas que a imagem as notas estavam em sua consciência e juntas com outras imagens reivindicadas por seu corpo memorioso e pelo cotidiano presente atribuíam significado aos significantes que surgiam. Após esse fato, por acaso, encontrei o colega nas mediações da faculdade quando me informou da nota atribuída a mim na determinada disciplina. Fui verificar a informação, em especial a informação sobre a nota atribuída a mim. Não havia nenhuma nota atribuída pelo meu desempenho. Não sabendo o dia, nem o momento exato da verificação feita pelo colega, posso afirmar que várias construções ocorreram sob a ilusão do correto, pois não havia nota para ser vista, no máximo concluiremos que o colega deu a mim um sentido de nome que não me pertence. O colega é exceção? Ao contrário, Chauí comentando as idéias de Espinosa aponta que *“A imagem é um acontecimento subjetivo causado pelo objeto externo que afeta nossos órgãos dos sentidos e nosso cérebro. Por isso indica o que passa em nós e não a natureza verdadeira da coisa externa*¹⁰.

Entretanto, o fato de sabermos que a imagem refletida na retina de nossos olhos pode não conter a essência do objeto observado, entendermos a sua equivalência como falsa é outro erro. As imagens são efetivamente aquilo que vemos, elas *“(…) não são falsas em si mesmas, pois correspondem ao modo como realmente as coisas exteriores nos afetam”*.¹¹ O movimento de Espinosa é para valorização da prática e dos sentimentos, o caminho para desmistificação passa pela interpretação adequada das imagens, sem isto não podemos chegar à ‘realidade’ que afeta nossos corpos. Diferente de Lévi-Strauss, Espinosa percebe que não há outro lugar onde encontrar a ‘natureza íntima ou a essência’ das coisas a não ser no homem em suas relações. Semelhantemente, Godelier afirma que não podemos recusar como explicativo do mundo social aquilo que o constitui.

É nisto que as relações com o mundo que os [os homens e suas relações] rodeia são apenas projeções nas coisas de um aspecto de si próprios. Assim, as coisas nunca são “verdadeiras coisas” exteriores aos homens, já que elas adquirem, necessariamente, a aparência de pessoas e, metamorfoseadas em pessoas, os humanos dirigem-se a elas como se fossem pessoas (nas suas preces, pelos seus sacrifícios, etc). O anel fechou-se. As idéias correspondem às coisas. As coisas e os fatos correspondem às idéias¹²

Ao afirmar que “o anel fechou-se”, Godelier está dizendo que não há significante vazio de sentido, o homem o preenche para poder estruturar sua vida social. Quanto ao descompasso entre simbolização e conhecimento depende da qualidade e intensidade das afetações do corpo com outro corpo, das idéias com outras idéias. Não há nada exterior ao próprio homem social que possa fazer essa estruturação – nem mesmo as estruturas mentais do inconsciente.

A simbolização trouxe consigo a capacidade de construção de laços sociais através de um conjunto de representações sem as quais o imaginário não poderia ser vivido. A consciência não busca as causas e as representações projetam-se sobre o mundo agregando aos objetos características ausente em sua essência. Este é o mundo construído pelo próprio homem, no qual o significado desloca-se sobre os significantes, complementando um ao outro. Não há língua sem a palavra, nem a palavra sem a língua. Contudo, não é simples pensarmos nessas conexões – simbolização, consciência e imaginário – como construtores de um simulacro que aprisiona os homens na visão de uma sociedade estruturada entre senhores e servos; ou melhor, parece existir um ‘tapa olhos’, que mais do que os impedir de ver, opera para que desejem servir.

(...) se todas as coisas que têm sentimento, assim os que têm, sentem o mal da sujeição e procuram a liberdade; se os bichos sempre feitos para o serviço do homem só conseguem acostumar-se a servir com o protesto de um desejo contrário – que mal encontro foi esse que pôde desnaturar tanto o homem, o único nascido de verdade para viver francamente.¹³

O Mal Encontro denunciado por La Boétie pode ter sido ocasionado pelo simulacro criado pelas representações, por imagens que ‘colaram’ nos objetos e nas palavras modificando as suas aparências externas. Por sua vez, essas representações transformaram a natureza humana, que antes procurava a liberdade, agora deseja a servidão.

2. Tristeza e ódio : elementos da durabilidade da servidão

Não sendo possível encontrar a razão do Mal – Encontro do homem com àquele que o faz desejar a servidão, La Boétie propõe explicar a sua durabilidade; ou seja, por que motivos os homens percebendo a sujeição da qual são vítimas não procuram a liberdade. A questão é como demonstrar os mecanismos dissimuladores do discurso que se apresentam como emancipadores do homem, quando na verdade, neutralizam a potência de agir, aumentando imaginariamente a força para existir e diminuindo, de forma real, o *conatus*.¹⁴

A eficácia da sujeição humana está na transferência da capacidade dos homens para algo exterior. A transferência torna os homens dependentes de uma proteção mágica ou sobrenatural. Neste sentido, Chauí comentando o pensamento de Espinosa afirma que “(...) a servidão é deixar-se habitar pela exterioridade, deixar-se governar por ela (...)”¹⁵ Os homens, efetivamente, imaginam não possuir em suas mãos a própria vida. Para melhor expor citarei o caso dos pigmeus do Mbuti, habitantes da floresta equatorial no antigo Congo.¹⁶ os pigmeus do Mbuti relacionam-se com a floresta tendo-a como uma divindade, uma pessoa que é cultivada acima dos bandos Mbuti. No imaginário dos Mbuti a floresta isola-os, protege-os e oferece com prodigalidade sua riqueza em caça e mel, além de expulsar a doença e punir os culpados. Na vida social, os Mbuti possui algumas festas, dentre elas destaca-se o *molimo* que marca a morte de um adulto respeitado. Por ocasião do molimo a caça é intensificada, a cooperação e a reciprocidade é dinamizada, resultando em maior união dos indivíduos. Os Mbuti passam até um mês, depois da morte do adulto, em intensas caçadas no interior da floresta. No fim do molimo os Mbuti estão abastecidos de todo tipo de caça e repartem com todos do bando. No imaginário dos Mbuti a produção não se deu pelo seu trabalho, mas pela benevolência da floresta que os protege, ao mesmo tempo que retira do bando um adulto para aumentar a dependência e a confiança para com a floresta.

(...)os Mbuti apontam de fato em direção ao fundo mais profundo, ao interior mais secreto de sua sociedade para a juntura invisível que solda suas diversas relações sociais, num todo susceptível de se reproduzir numa sociedade. O que se apresenta à sua consciência a aparece sob os traços e

atributos da floresta, é de fato essa juntura invisível no “interior próximo e ao mesmo tempo longínquo” de sua sociedade.¹⁷

O deslocamento para a floresta dos aspectos de proteção, mantenedora e mãe distribuidora de todos os bens, carrega consigo todos os conflitos políticos e ideológicos sobre os quais se fundam a sociedade Mbuti. Neste cenário, a visibilidade de homens que imaginariamente se sentem incapazes, impotentes e voluntariamente servís torna-se comum. A consciência do homem não vê como produtor de seus próprios produtos conquistados, efetivamente, por suas próprias forças. Gilles Deleuze comentando Espinosa nos diz que a consciência “(...) *vai suprir a sua* [a da própria consciência] *ignorância invertendo a ordem das coisas (...).*”¹⁸ Nesse contexto o homem imagina encontrar plena satisfação fora de si, neutralizando toda sua potência de ser, agir e existir. Lembrando a questão proposta por La Boétie, a desnaturação dos homens ocorreu pelo esquecimento de que o próprio homem é parte da substancia – Deus infinito -, sendo um modo finito dessa substancia é imanente a essa parte o *conatus*. Logo, a liberdade e a felicidade não estão em algum lugar, mas são imanentes a cada um de nós. O mal – encontro tenta anular as relações intermediadas pela alegria. Pois na liberação do *conatus* o que desejamos, desejamos para suprir as necessidades internas de nossa própria potência.

No movimento inverso à liberação da potência de agir os poderes políticos e religiosos proliferam o medo, o ódio e a inveja petrificando o estado de natureza hobbesiano no qual o aprisionamento e o isolamento impõe-se como regra para a existência da sociedade, desfazendo os laços sociais. Para Espinosa, o estado de natureza vem criar controles sobre os homens: regimes políticos, as instituições e a superstição. Esta composição de instrumentos da dominação articula idéias, imagens e representações que obscurecem “a natureza íntima” das coisas, criando um mundo vivido, mas não real. O cultivo de homens, ou melhor, a domesticação pelos costumes modifica as propriedades dos sentidos, pois o homem deixa de ver aquele que o domina como outro homem. *Aquele que vos domina tanto só tem dois olhos, só duas mãos, só tem um corpo, e não tem outra coisa que o que tem o menor homem do grande infinito número de vossas cidades, senão a vantagem que lhe dais*

*para destruir-vos.*¹⁹ A mudança na qualidade de percepção do que é o real ocorre pelas afetações que o homem sofre, ao mesmo que este encontra na sociedade uma grande rede prisional na qual suas instituições funcionam como instrumentos de vigilância. No filme *Matrix*²⁰ esse cenário é bem evidenciado quando Morfeu e Neo dialogam numa sala na tentativa de definir o que é a Matrix. Esta ocorre na primeira tentativa, por parte do Morfeu, de convencer Neo do simulacro que vive.

Morfeu – A Matrix está em todo lugar. À nossa volta. Mesmo agora, nesta sala. Você pode vê-la quando olha pela janela ou quando liga a televisão. Você a sente quando vai para o trabalho, quando vai à igreja, quando paga seus impostos. É o mundo que foi colocado diante de seus olhos para que você não visse a verdade.

Neo – Que verdade?

Morfeu – que você é um escravo. Como todo mundo, você nasceu em cativeiro, nasceu numa prisão que não consegue sentir ou tocar. Uma prisão para sua mente.

Apesar do diálogo aproximar-se de uma ‘conscientização’, muitas vezes praticada por nós na militância, nele está presente o caráter exterior, deixando lacunar a capacidade que a crença possui de tornar-se interior. A eficácia da Matrix está em tornar-se vontade para os homens. A interiorização de crenças que legitimam poderes políticos e religiosos e enfraquecem o *conatus* ocorre pela operacionalização e articulação das instâncias consagradoras do discurso simbólico dominante.²¹ A linguagem, a política, a religião, a sexualidade, a epistemologia, etc., são instâncias nas quais o simbólico dominante adere (cola) com facilidade.

Através das instâncias consagradoras do simbólico dominante ocorre o enfraquecimento do *conatus*. Os homens neutralizados em seu direito natural, tornam-se fracos e amendrotados e passam a deslumbrar-se “(...) *com as exibições militares e a vida luxuosa de um indivíduo, deixa-o tomar o poder e governar segundo seus caprichos.*”²² A desnaturação dos homens ou a

neutralização do *conatus* é resultante de movimentos objetivos e subjetivos como bem descreve Godelier²³ ao afirmar que a alienação não é imposta, como a vontade do senhor ao escravo, mas nasce do interior, é construída subjetivamente, atendendo às necessidade dos poderes externos que se apresentam como imprescindível às interações entre todos que pertencem à mesma sociedade.

A produção da vontade capituladora é realizada pela consciência, que nas afecções de um corpo com outro corpo, de uma idéia com outra idéia recolhe dessas composições e decomposições os seus efeitos. Estando ausente a causa das afetações, as representações penetram de forma invisível provocando o estado passional e passivo do *conatus* e a destruição de sua própria coerência, conseqüentemente as interações passam a ser intermediadas pela tristeza e pelo ódio, instrumentos que submetem os homens (a multidão) aos poderes políticos.

A irreversibilidade ao estado de natureza, tal como é a nostalgia de La Boétie, e a neutralização da potência de agir, como denomina Espinosa não podem significar conformismo com o mundo. Não somos diferentes dos Mbuti descrito anteriormente; como eles, todos nós deslocamos o poder fundante da sociedade para fora dela. A razão disso talvez seja o descompasso entre a simbolização e o conhecimento apontado por Lévi-Strauss. Para Espinosa a percepção real da coisas acontece quando corpo cessa de pensar e devolve essa função à alma. Esta possui a capacidade de interpretar as imagens de seu corpo e de seus exteriores, elaborando as idéias adequadas.²⁴

3- De Corpo e alma na participação.

O processo de emancipação da subjetividade enquanto corpo-alma está vinculado a reestruturação das simbolizações. O indivíduo está circundado por significações que o oprimem, o diminuem, o marginalizam. O desmontar das peças constitutivas da Matrix que o governa deve ocorrer na e pela participação, tanto individual e coletiva, que priorize a exteriorização da subjetividade. Não se trata de constituir um sujeito abstrato e metafísico, mas um constituído na prática, como Sawaia(2001), “*O sujeito é de carne e osso (...), ele é afetado por outros corpos, é sujeito do afeto e da paixão, que sente*

e interpreta o mundo nas diferentes formas de participação”(p.123). 25 Contudo, a ressignificação do espaço social depende da deleção das instâncias consagradoras dos símbolos (imagens) que produzem e reproduzem a *doxa* vigente. Esta *doxa* consolida as **estratégias de condescendência**26 que negam continuamente a origem social da dominação(Bourdieu, 1990).

A imagem tem a capacidade de produzir efeitos devastadores no sujeito, não falamos especificamente dos instrumentos audiovisuais, mas da força que possui o sentido de uma palavra, de um gesto e de uma imagem *vis-à-vis*. A resistência à dessubjetivação depende das imagens que afetam o indivíduo. Na demonstração de Proposição XV, da terceira parte da Ética, Espinosa trata dessa questão.

Suponhamos que a alma seja afetada, ao mesmo tempo, por duas afecções, uma das quais , nem cresce nem diminui a sua potência de agir, e a outra ou cresce ou diminui. É evidente pela Proposição precedente, que, se a alma vem posteriormente a ser afetada, mediante a sua verdadeira causa, pela paixão que (por hipótese) não cresce, por si mesma, nem diminui a sua potência de pensar, isto é, será afetada pela Alegria ou pela Tristeza; e por conseqüência, a coisa que causa a primeira afecção, será por si própria, mas por acidente, causa de Alegria ou de Tristeza.27

Ora, percebemos que a capacidade da imagem de afetar o indivíduo não é apenas intrínseca à própria imagem, mas está relacionada à estratégias de condescendência, que por sua vez, anulam e enfraquecem o *conatus*. Mais do que isso, levam-no a imaginar que as submeteu, ou seja, o dominado incorpora a atitude daquele que o domina verdadeiramente. O poder de afecção da imagem é transversado por fluxos que advém dos poderes sociais que se constituem em unidade na imagem, como diz Bourdieu(1990), “*Esses poderes sociais fundamentais são (...) o capital econômico, em suas diferentes formas, e o capital cultural, além do capital simbólico, forma de que se revestem as diferentes espécies de capital quando percebidas e reconhecidas como legítimas*”(p.154).28 A construção de um cenário que ‘engole’ o indivíduo não renuncia a sua morte; ao contrário, verifica-se que as estruturas estruturadas estão vinculadas à estruturas estruturantes, são implicadas uma à outra. Dessa maneira, os poderes sociais, por mais paradoxal que pareça, têm sua produção e reprodução garantidas no âmbito das práticas individuais. No

entanto, deve-se constatar a qualidade das afecções, o sentimento que deu origem aos desejos. Chegamos a um dos três problemas da *Ética* espinossana, como aponta Deleuze : *Como lograr formar idéias adequadas, de onde derivam, precisamente, os sentimentos activos(quando a nossa condição natural aparece condenar-nos a não ter do nosso espírito e das outras coisas, senão idéias inadequadas)?*²⁹

Através da consciência, os indivíduos constroem seus relacionamentos ao acaso, como diz Espinosa, a Alegria e a Tristeza os compõem e os decompõem, os encontram e os desencontram por mero acidente. Um corpo que componha a natureza do seu próprio corpo, neste cenário, o faz por 'chute' chutado distante da área do gol. A percepção de uma área na qual os corpos são atraídos por outros corpos da mesma natureza torna-se possível através da dessimbolização e ressimbolização do mundo subjetivo e objetivo simultaneamente. Pouco adianta utilizar a *doxa* vigente para se propor como mudança, pois sem perceber reforçamos todas as instâncias consagradoras e garantimos a sua livre reprodução.

A constituição de idéias inadequadas não está vinculada à passividade dos indivíduos, pois vimos que corpo-alma preferem o movimento ao repouso, mesmo que freqüentemente se decomponham. Este movimento é devido ao *conatus* "(...) *que constitui o desejo e está presente em todas as coisas. É o impulso vital, esforço de resistência, de apropriação e afirmação, que leva as coisas a perseverarem no próprio ser*"(Sawaia, 1998)³⁰. Ora, se constatamos este esforço permanente de participação, porque *não chegamos ao máximo das paixões alegres?*³¹ A resposta a esta questão não pode ser outra, ou seja, porque somos constantemente reduzidos à mediação da nossa própria consciência que insiste em colocar como evidentes meros acontecimentos, condenando-nos "(...) *a ter que operar idéias inadequadas, confusas e mutiladas, efeitos separados de suas próprias causas*"(Destaque do autor)³².

A construção de um cenário no qual as subjetividades, tanto individual e coletiva, possam expandir-se através de composições sucessivas depende da participação mediada pelo atributo do pensamento (da alma)

A distinção das mediações realizadas pela consciência e pelo pensamento pode ser buscada na qualidade das afecções. As afetações

operadas através da consciência, ao acaso, o que geralmente resulta na produção de um inimigo, na realização de um confronto. Neste cenário no qual existe, segundo Espinosa, um encadeamento sucessivo das paixões tristes: a tristeza alimenta o ódio, a aversão que produz o escárnio, o temor, o desespero, a vergonha, a humildade, a humilhação, o desgosto, a crueldade e outros; não podemos esperar nenhuma iniciativa libertária, pois até mesmo a esperança está contaminada com os grãos de tristeza.

A participação política orientada por afetações de péssima qualidade resulta em subserviência, opressão, corrupção e miséria. As políticas públicas aprofundam e naturalizam as desigualdades.

No caso das afetações realizadas por intermediação da alma, o qual segue o princípio da preservação do seu próprio ser, da sua própria natureza, ou melhor, da sua própria afirmação, resulta na procura de união, de composição com seres da mesma Substância com o objetivo de aumentar a sua potência. Diferentemente do que diz Nietzsche, em *Genealogia da Moral*, para Espinosa, o bem para o outro é realizado na medida que o busco para minha própria natureza. Neste sentido, a participação política desses sujeitos tem por base “(...) a expansão e manutenção do ser e não potência de poder sobre a alma do outro”.³³

Por outro lado, não basta o *conatus* agir para expandir-se sucessivamente à boas afetações. A potência de agir deve relacionar-se intersubjetivamente, ou seja, precisa encontrar um cenário propício para sua expansão. Logo, sujeito e sociedade são instâncias reatualizadoras uma da outra.

Analisando o cenário de transformações mundiais, Hardt & Negri (2001)³⁴ observam um espaço político em formação, no qual, na inexistência de uma prática definitiva, forças autoritárias e democráticas disputam a hegemonia. Contudo, as forças do Império articulam-se através da elaboração de discursos e imagens que comprimem o tempo e o espaço. O novo movimento ético-político explicita relações paradoxais, ao mesmo tempo que é de sua substância política a *irresistível e irreversível trocas econômicas e culturais*, sua existência está vinculada a uma poderosa *função policial contra os novos bárbaros e escravos rebeldes que ameaçam sua ordem*(*ibidem*:37). Muitos dos indivíduos, em seu universo participativo, são levados a pactuarem

com as forças imperiais. As conexões deste pacto estão no interior das paixões tristes que provocam os maus encontros, com esta base os poderes de opressão e destruição expandem-se.

Para romper com o domínio do Império(ou das tiranias sobre os nossos desejos) precisamos reorganizar e canalizar nossos objetivos para *novos objetivos*. A *multidão* deve transformar-se no *novo sujeito político* e inventar *novas formas democráticas* e novos poderes constituintes. O *conatus* coletivo deve ser potencializado, conservando-se e expandindo-se cada vez mais.

É na democracia, somente nela, que o *conatus* coletivo pode encontrar possibilidades, de libertar-se do aprisionamento das **imagens ilusórias**; assumir uma nova responsabilidade ética e partir para a construção absoluta da imanência singular e coletiva.

1 Cf. em Lévi –Strauss, Claude. Introdução à obra de Marcel Mauss. In: Sociologia e Antropologia. Tradução de Lamberto Punccinelli. São Paulo:EPU, 1974.

2 Cf. Freud, Sigmund. Totem e tabu. Tradução José Octávio de Aguiar Abreu.Rio de Janeiro:Imago, 1997.

3 Cf. La Boétie, Etienne. Discurso da Servidão Voluntária. (comentários) Pierre Clastres, Claude Lefort, Marilena Chauí. São Paulo:Brasiliense, 1997 (primeira reimpressão da quarta edição) (Elogio da Filosofia).

4 Cf. essas idéias nas obras de Gilles Deleuze em Espinosa:Filosofia Prática. Tradução: Daniel Lins e Fabien Pascal Lins. Revisão Técnica: Eduardo Diatahy Bezerra de Menezes.São Paulo:Escuta, 2002; e da Marilena de Sousa Chauí. Em Espinosa: uma filosofia da liberdade. São Paulo : Moderna, 1995 (Coleção logos).

5 Cabe destacar que o tratamento com as idéias neste texto suspende alguns atritos teóricos. Em Espinosa a 'natureza íntima' dos homens é o Conatus, sendo este definido como potência de ser, agir e existir. Não há imanente ao humano vontade auto-destrutiva. Para Freud, o indivíduo é constituído de traços ambivalentes: um deseja a vida e o outro busca desfazer os laços sociais – o desejo de morte. Os pensadores encontram-se quando afirmam que tanto o conatus como a pulsão de vida desenvolvem-se em cenários nos quais

a autonomia do sujeito é reconquistada, eliminando as manipulações de crenças e dos poderes externos.

6 Cf. em Marilena de Sousa Chauí, ob. Cit. Pág.37.

7 Cf. Matrix (Filme). Direção Wachowski Brothers. Produção de Joel Silver. E.U.A. Warner Bros Video, 1999. 136mm. Color. Son . V.O. Inglês, leg. Português.

8 Cf. Lévi-Strauss, Claude. Introdução à obra de Marcel Mauss. Ob. Cit., pag. 34.

9 Cf. Gilles Deleuze.ob.cit Pág.25

10 Cf. Marilena de Sousa Chauí. Ob. Cit. Pág. 38.

11 Cf. Ibidem. Pág.39

12 Cf. em Maurice Godelier nas seguintes obras: Enigma da Dádiva Tradução: Pedro Miguel Elói Duarte. Revisão: Pedro Bernardo. Lisboa : Ed.70, 2000. pág.172; e Economias e Sociedade:abordagens Funcionalista, estruturalista e marxista. In: Edgar de Assis Carvalho (Organizador)...[et. al] Antropologia Econômica. São Paulo : Livraria Editora Ciências Humanas,1978. pág. 45 – 83.

13 Cf. La Boétie. Etienne. Ob. Cit. pag. 19

14 Cf. Marilena de Sousa Chauí. Obra citada.

15 Cf.Ibidem. Pág. 67

16 Cf. Maurice Godelier em artigo e obra supracitados.

17 Cf. Maurice Godelier. Economias e Sociedade:abordagens Funcionalista, estruturalista e marxista. In: Edgar de Assis Carvalho (Organizador)...[et. al] Antropologia Econômica. São Paulo : Livraria Editora Ciências Humanas,1978. Pág. 80

18 Cf. Gilles Deleuze. Ob. Cit. Pag. 26

19 Cf. La Boétie, Etienne. Obra supracitada.Pag.16

20 Cf. Matrix (filme). Obra com créditos supracitados.

21 Cf. As idéias de Pierre Bourdieu sobre o discurso simbólico dominante e as instâncias consagradas podem ser encontradas nas seguintes obras : Contrafogos ; táticas para enfrentar a invasão neoliberal. Tradução : Lucy Magalhães. Consultoria : Sérgio Miceli. Rio de Janeiro : Jorge Zahar Editor, 1998 e 2001, Parte I e II respectivamente; e A Produção da Crença ; uma contribuição para uma economia dos bens simbólicos.Tradução :Guilherme João de Freitas Teixeira. São Paulo : Zouk, 2002.

- 22 Cf. Marilena de Sousa Chauí. Obra supracitada, pág. 77.
- 23 Cf. Maurice Godelier. O Enigma da Dádiva. Obra supracitada.
- 24 Cf. Gilles Deleuze e Marilena de Sousa Chauí. Obras supracitadas.
- 25 Cf. Sawaia, Bader Burihan. A Participação Social e Subjetividade. In:Ambientalismo e Participação na Contemporaneidade.São Paulo:Educ, 2001.
- 26 Cf. Pierre Bourdieu na Obra “Coisas Ditas”. São Paulo :Brasiliense, 1990
- 27 Cf. Spinoza, Baruc. Ética. (tradução e prefácio de Lívio Xavier) Rio de Janeiro:Ed. de Ouro, 1965. Terceira parte, Demonstração P.154.
- 28 Bourdieu, Ob. Cit. p. 154.
- 29 Gilles Deleuze, Espinosa e os Signos. Porto-Portugal : Rés Editora. Sd. P.41
- 30 Cf. Sawaia. Bader Burihan. A Crítica Ético-Epistemológica da Psicologia Social pela questão do Sujeito. In: Psicologia & Sociedade.Vol. 10(2):117-136;jul/dez.1998 São Paulo:Vozes, 1998.
- 31 Deleuze. Obra citada. P.41
- 32 Cf. Ibidem. P.28
- 33 Cf. Sawaia. Bader Burihan. A Crítica Ético-Epistemológica da Psicologia Social pela questão do Sujeito. Obra citada.P.126.
- 34 Michael Hardt & Antonio Negri. Império. São Paulo :Record, 2001